







Ru
LIVRA
EDI

Praça R

Nº d
22

Parássimo

LIVRARIA "ASTRÉIA"
EDITORIA LTDA.

Praça Ramos de Azevedo, 209
1.ª Sobre-loja
SÃO PAULO

O

BACULO QUEBRADO

COM

UMA VARINHA DE VERDADE

NA MÃO DE

UM CHRISTÃO VELHO

Abreu e Lima



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA MODERNA DE ED. VILLAS-BOAS & C.^a

Largo da Carioca, 1 J

1866

178

16

5

PREFACIO

Os artigos novamente publicados nesta brochura são extrahidos do *Jornal do Recife* com licença do autor, e mostrão tão claramente o motivo porque forão escriptos que é escusado dizer sobre elles uma só palavra.

Temos nelles o depoimento de um brasileiro honrado, membro da Igreja Romana que, estimulado pelas accusações trazidas contra as Escripturas Sagradas por algumas autoridades ecclesiasticas, entregou-se a um exame imparcial desses livros, e publicou o resultado seria e francamente.

Publicamos de novo os artigos por extenso sem mudar uma só palavra, porque julgamos que são de grande valor sobre a questão da pretendida falsificação das Bíblias.

Não queremos com tudo ficar responsaveis, quer pelas opiniões politicas do autor, quer pelas suas expressões sobre os livros apocryphos, como em páginas 29, quer pelo acatamento com que trata as pessoas

que, com argumentos *falsos*, procurão persuadir os homens a rejeitar e *queimar as palavras divinas* !!! Pedimos-lhe venia tambem por expressarmos a nossa dissidencia da opinião que formou de Luther.

Como membro da Igreja Romana é provavel que tenha consultado os historiadores da sua Igreja sobre o grande Reformador, e cremos que se um autor tão candido tivesse tido occasião de examinar o depoimento de testemunhas que não forão cegas pela prevenção, teria encontrado razão de estimar mais o instrumento que Deos empregou n'uma obra que valeu tanto para promover a liberdade religiosa e civil do mundo.

Respeitamos e honramos muito a esse Senhor (ainda que não tenhamos o gosto de o conhecer pessoalmente) que no meio do escarneo e vituperio tão prodigalmente lançado ao livro divino, se atreveu a examinal-o e apresentar-se tão lealmente para defender a verdade.

O BACULO QUEBRADO
COM
UMA VARINHA DE VERDADE
NA MÃO DE
UM CRISTÃO VELHO

AS BIBLIAS FALSIFICADAS

ARTIGO I.

Debaixo deste titulo publicou o *Diario de Pernambuco*, no mez de Dezembro proximo passado, tres artigos assignados pelo Sr. Conego Joaquim Pinto de Campos; artigos que nos não moveriam a uma resposta, se o seu autor não lhes tivesse associado tambem o respeitavel nome do Sr. Arcebispo da Bahia.

Dizemos que os artigos do Sr. Campos nos não moveriam a dar-lhe uma resposta, não pela pessoa do autor, a quem muito acatamos, mas pela linguagem desabrida de que usa, pela jactancia com que conclue, sobretudo pela intolerancia judaica, com que não suporta sequer a presença de um protestante; entretanto que esse protestante é tão christão, senão mais, que qualquer de nós; perdõe-nos S. S.

E porém, visto que somos obrigados a responder ao Sr. Arcebispo, não deixaremos tambem sem resposta o Sr. Conego, porque uma resposta chama a outra. De principio teremos de englobar ambas as respostas, pois que o Sr. Conego tomou para si as observações do Sr. Arcebispo; depois trataremos de cada um por sua vez.

Não invocaremos o Divino Espírito-Santo para este nosso trabalho; porque do que dissermos pouco será de nossa lavra, já outros varões doutos o tinhão dito (se inspirados ou não é cousa que pouco importa). Mas chamaremos em nosso auxilio toda a mansuetude, toda a longanimidade de Nosso Senhor Jesus Christo para que possamos perdoar as injurias que o Sr. Padre Campos lançou sobre o bom senso, sobre a moralidade do povo brasileiro.

Vamos tomar sobre nós um peso, que nos acabrunha, é verdade, mas cumpre pôr um obstáculo á essa reacção religiosa, que vai aparecendo e pôde trazer sérios embaraços para o governo do paiz, phanatisando o povo, não com a verdadeira doutrina, por que esta não a quiere m os *santões*, mas com toda essa pompa de mentiras, de falsidades, e de calumnias, com que se apregoam c is unicos catholicos no mundo, com menoscabo dos homens mais honestos, mais intelligentes e mais sinceros do paiz.

Cumpre entretanto não esquecer o que fizeram certos vigarios por occasião da lei do *senso—principiis obsta*.—Cumpre pôr um freio á audacia, com que se procura desvirtuar e polluir o que ha de mais sagrado para o homem, a Religião! E' mister que qualquer porcariço, que qualquer bufarinheiro, como diz o Sr. Padre Campos, não se apregoe elle mesmo catholico por excellencia, com injuria da moralidade de nosso paiz.

Porque é, que depois que se trata da emigração dos Estados Unidos, não ha formiga, por pequena que seja, que não crie azas, e não queira voar? Por que ess azafama de periodicos, esses escriptos cheios de fél e vinagre, essas falsidades, essas calumnias tão repetidas essas Biblias falsificadas agora, quando desde a noss independencia ellas correm no Brasil sem a menor dificuldade, sem o menor reparo? Isto terá logo a sua explicação. Entretanto cumpre-nos desde já asseverar que nada disto se entende com o Sr. Conego Campos, e muito menos com o Sr. Arcebispo, pessoas a quem respeitamos, e ás quaes nem por sombra desejariamos ferir nem molestar.

Diz o Sr. Conego, no seu segundo artigo (*Diario de Pernambuco* de 6 de Dezembro ultimo) que, ajudado por um amigo tinha feito suas notas sobre as falsificações das Biblias *impressas em Londres*, quando de-

parou com uma pastoral do Exm. Sr. Arcebispo da Bahia, onde encontrou a resenha dessas *falsificações*, *quasi conforme* com a que tinha feito; mas acatando no trabalho do metropolita o cunho da autoridade, o proferio: e assim copia a parte da pastoral, que faz a resenha daquellas falsidades.

Ora, o Sr. Arcebispo diz, que a Biblia que se vendia por infimo preço, era traduzida em vulgar pelo Padre João Ferreira A. de Almeida, ministro protestante em Batavia, e impressa em Nova-York; diz mais que essa Biblia estava com o antigo testamento truncado, faltando-lhe os seguintes livros — Thobias, Judith, o Ecclesiastico, a Sabedoria, os dous dos Maccabeus, os capítulos de 11 a 16 do livro de Esther; alguns versos do cap. III de Daniel, os caps. XIII e XIV do mesmo profeta, e a prophecia de Baruch.

Diz igualmente o Sr. Arcebispo que *Luther* rejeitara os livros do Velho Testamento, que acabamos de mencionar, mas que *Calvino* os aceita; e como na citada Biblia de Nova-York faltam esses livros, é conclusão inevitável que a tal Biblia não é calvinista. Ao mesmo tempo diz igualmente o Sr. Arcebispo que *Luther* tambem rejeita do Novo Testamento os seguintes livros — A Epistola de S. Paulo aos Hebreus, as Epistolas de S. Thiago e S. Judas, a segunda de S. Pedro, a segunda e terceira de S. João e o *Apocalypse*; mas

que Calvino os aceita; o que quer dizer que estando completo o Canon do Novo Testamento na Biblia do Padre Almeida, segue-se que a tal Biblia não é lutherana. De que communhão, pois, será a tal Biblia?

Uma Biblia traduzida na Batavia! é cousa de que nunca ouvimos fallar; o Sr. Arcebispo diz, porém, que é impressa em Nova-York: aceitamos pois a Biblia como diz S. Ex., portanto damos como vista uma Biblia impressa em Nova-York, com pequenas alterações e tão insignificantes, que não valia apena fallar dellas.

Mas o Sr. Conego Campos não falla da Biblia de Nova-York, e sim das de Londres; foi sobre uma Biblia impressa em Londres, que elle fez as suas notas, *quasi conformes* com as do Sr. Arcebispo; e para que não ficasse duvida, mais adiante o Sr. Conego se expressa assim:

« E porventura será só a Biblia traduzida pelo padre Almeida, que se acha falsificada, truncada e viciada? Não; a do padre Pereira, *impressa em Londres*, contém as mesmas falsificações *como tive occasião de verificar.*»

O que quer dizer que o Sr. Padre Campos verificou por si mesmo nas Biblias impressas em Londres as mesmas falsificações ou alterações, que contém a Biblia de Nova-York!

Pois bem, dessas Biblias impressas em Londres, possuimos tres edições, a saber: uma de 1855, outra de 1858 e outra de 1864. As de 1855 e 1864 contém ambos os testamentos ; mas a de 1858 é sómente do novo testamento ; e tão perfeito e tão completo, como está na edição de Lisboa de 1794, que possuimos, com todas as licenças e com o retrato do Príncipe Regente, a quem o Padre Antonio Pereira dedicára essa sua segunda edição. Para provar o que dizemos, apresentamos tres exemplares das Biblias de Londres com as tres referidas datas, e os deixamos em exposição ao público nesta typographia para que verifique se contém as falsidades, que o Sr. Campos *teve occasião de verificar.*

As edições de 1855 e de 1864 não contém no Canon do Velho Testamento os livros de Tobias, Judith, Maccabeus, Ecclesiastico, Buruch, etc, acima mencionados, mas todas tem o Canon do Novo Testamento completo, sem falha de uma virgula. E como o Sr. padre Campos só se refere as falsificações do Novo Testamento, que foram as que elle verificou de acordo com o Sr. Arcebispo, pedimos-lhe que apresente tambem, ou deixe na mesma typographia, um dos quatorze exemplares que possue, das Biblias de Londres, para convencer-nos da sua *verificação pessoal.*

E' mister que o Sr. Conego prove que se dão nas Biblias de Londres as mesmas falsificações das de New-

York, como elle assevera. E como os livros do Velho Testamento, que contém essas Biblias de Londres, são os unicos que os Santos Padres e Theologos reputam fundamentaes da nossa fé, e sobre que se fundam os dogmas do christianismo; e como igualmente todo o Novo Testamento está completo e perfeito, segue-se que essas Biblias de Londres são canonicas, como adiante provaremos.

O que ha porém de singular é que, para tornar mais baratas essas edicções, e mesmo porque pouca gente lê o Velho Testamento, fizeram-se em Londres varias edicções sómente do Novo Testamento, com a maior perfeição que é possivel, como se verá do exemplar que expômos ao exame do publico; e são justamente esses pequenos livros, correctos, legítimos e verdadeiros, contendo os quatro Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Christo, que o Sr. Vigario Capitular mandou queimar com tanto encarniçamento! O que mais faria Satanaz?

Em que lei se fundou o Sr. Vigario Capitular para mandar apprehender e queimar livros, induzindo as autoridades policiaes a commetterem um crime, como commetteram as da escada? Ainda quando os livros fossem dos que trata o art. 278 do nosso Codigo Criminal, isto é, que negassem a existencia de Deos, ou immortalidade da alma, sabe o Sr. Dr. Farias, que

jurisconsulto, que para apprehendel-os, seria mister uma queixa, e para condemná-los um processo em regra, feito por autoridade competente, que não é o Sr. Vigario Capitular.

E, porém, mandar apprehender, condemnar á pena de fogo, e fazer executar essa sentença, tudo de propria autoridade, sem a menor fórmula de processo ! mandar queimar livros ! e que livros ! contendo toda a verdade fundamental da nossa religião ; contendo emfim os quatro Evangelhos de Nosso Jesus Christo, é não só um attentado contra as leis do nosso paiz, contra a autoridade civil, contra a liberdade de consciencia, como igualmente um inaudito sacrilegio, um insulto a religiosidade do nosso povo, o escandalo dos escandalos.

Pois bem, a autoridadē civil que deixe ir por diante semelhante escandalo, que não lhe ponha cōbro, e depois não se queixe; salvo se pretende anarchisar esta provincia, para fazer depois o què se praticou em 1849 e nos seguintes annos. E' verdade que esse attentado se repete até na propria provincia do Rio de Janeiro— sua alma, sua palma ! Se o governo não aprendeu com os escandalos. que se deram a pretexto da lei do *censo*, não havemos de ser nós que o metteremos a caminho. *Con su pan se lo coma* (1) Entretanto vamos ao que importa.

(1) Allusão a um comunicado do *Diario de Pernambuco* de 11 de Dezembro ultimo.

ARTIGO II.

Sobre os livros do Velho Testamento, que faltam na intitulada Biblia de Nova-York, e cuja rejeição o Sr. Arcebispo attribue a Luthero, nós fallaremos mais adiante ; e então provaremos, que não foi Luthero que os rejeitou, mas sim todos os Santos Padres e Doutores da Igreja até o V seculo da era christãa, e ainda depois muitos padres e theologos não os tiveram por canonicos, mesmo além do Concilio de Trento que os canonisou no seculo XVI.

Por ora vamos ocupar-nos tão sómente com as *falsificações* do Novo Testamento, cujo canon, diz o Sr. Arcebispo, está completo—mas os seus livros *viciados* a tal ponto que os *erros pullulam* por toda a parte. Parece pois, que não ha um só livro, um só capitulo, um só verso do Novo Testamento, que não esteja *viciado* ou alterado.—Será verdade, Sr. Arcebispo?

Pois bem em todos os quatro Evangelhos o Sr. Arcebispo só achou uma pequena variação ou alteração de palavra. No Cap. 1º do Evangelho de S. Lucas, cujo verso o Sr. Arcebispo não citou, mas que é o 28, diz o Padre Antonio Pereira na sua edição de 1794 (não a que fez em 8.º, mas a de 4.º maior em 7 volumes) o seguinte : « Entrando pois o anjo onde ella estava, disse-lhe : Deos te salve, cheia de graça: o Senhor é contigo : Benta és tú entre as mulheres.»

Pedimos ao Sr. Conego Campos, que vá confrontar o texto do Padre Antonio Pereira com os das Bibles de Londres, que deixamos expostas, para que se convença de que é o mesmíssimo, sem tirar nem pôr uma virgula. Bem se vê que não são tantos os vicios e erros, como diz o Sr. Arcebispo, visto que nos quatro Evangelhos, contendo 89 capítulos e milhares de versos, só achou uma pequena variante, isto é, na Biblia de Nova-York, que na de Londres o verso 28 está perfeito e tão completo como na do Padre Antonio Pereira.

Outro erro ou vicio, notado pelo Sr. Arcebispo na Biblia de Nova-York, é na segunda Epistola de S. Paulo a Timotheo. S. Ex. tem um modo singular de exprimir-se que dá trabalho para achar o que elle quiz dizer, porque não cita o cap. nem o verso, e apenas diz—« na segunda Epistola de S. Paulo a Timotheo falta-lhe a ultima proposição.—*Sobrius esto.*»

Pois bem, é o verso 5.^o do cap. 4.^o da citada Epistola, cuja traduçâo pelo Padre Antonio Pereira é o seguinte — « Tú, porém, vigia, trabalha em todas as cousas, faze a obra d'um Evangelista, cumpre com o teu ministerio. *Sê sobrio.* » Rogamos outra vez ao Sr. Conego, que vá confrontar nesta parte o Padre Antonio Pereira com os tres exemplares de Londres, que estão nesta typographia, e verá a mais perfeita exactidão.

Diz tambem o Sr. Arcebispo que o cap. 6º dos actos apostolicos da Biblia de Nova-York tem um verso de mais, sendo dividido o 6º em douas, e por isso o verso que devia ser 22 tem a nume ação de 23. Ora aqui ha erro, talvez de impressão, porque o cap. 6º citado tem sómente 15 versos, nem trata do que refere o Sr. Arcebispo: portanto o Sr. Padre Campos é o culpado, porque nem ao menos cotejou a pastoral de S. Ex. com os seus apontamentos ou suas notas. Se o tivesse feito, conheceria então o engano para corrigil-o.

Seja porém, o que fôr, podemos asseverar desde já ao Sr. Campos, que não ha tal erro nem vicio nas Bibles de Londres. Pois bem, em todos os 28 capitulos dos actos apostolicos só achou o Sr. Arcebispo um vicio que notar na Biblia de New-York—logo não pululam os erros por toda a parte, como disse no seu preambulo.

Continúa S. Ex. « No cap. 9 v. 27 da Epistola aos Corinthios diz S. Paulo, e c. » Ora ha duas epistolas aos Corinthios, porque não disse S. Ex. qual dellas? Pois bem, é da primeira, cuja traduçao pelo Padre Antonio Pereira, é a seguinte — « *Mas castigo o meu corpo, e o reduzo á ~~veridão~~*: para que não succeda, que havendo pregado aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado. » Ainda bem, Sr. Conego, lá estão os

exemplares de Londres, vá confrontal-os com o Padre Antonio Pereira, e vereis que nem vós nem o Sr. Arcebisco, catando e esquadrinhando as Biblias de Londres, acharão um só erro, nem vicio, nem alteração.

O que ha, porém, de singular, é que o Sr. Arcebisco traduzio o verso 27 da citada Epistola de S. Paulo diverso do Padre Antonio Pereira, porque este traduzio *servitutem* por *servidão* e o Sr. Arcebisco por *escravidão!* tornando assim o texto do Padre Antonio Pereira, senão viciado, ao menos alterado; em tanto que o mesmo Antonio Pereira, traduzio perfeitamente.— *Servitutem* por *servidão* e não por *escravidão*, como fez o Sr. Arcebisco! *Servitus* não é *servitum*, posto que se possa tomar a palavra *servitus* como escravidão no sentido *lato*. Parece que o Sr. Arcebisco quiz mostrar mais esta discrepancia na Biblia do Padre Almeida, que tambem traduzio *servitutem* por *servidão*, como o Padre Antonio Pereira.

No cap. 10 v. 12 da mesma Epistola aos Corinhios, lá dizem as Biblias de Londres o mesmo que o Padre Antonio Pereira, sem mais nem menos uma vírgula.—

«Aquelle, pois, que crê estar em pé, veja não caia.»

Diz ainda o Sr. Arcebisco, que Lthero e Calvino *investiram* contra o sacramento do matrimonio (sempre Lthero e Calvino para tudo! pobres diabos!), e

por isso falsificaram o verso 32 do cap. 5.^o da Epistola de S. Paulo aos Ephesios, pondo em lugar de *sacramento* a palavra *myst'rio!* Eis-ahi a traducción do Padre Antonio Pereira. « Este *sacramento* é grande, mas eu digo em Christo, e na Igreja. »

Pois bem, Sr. Conego Campos, comparai o Padre Antonio Pereira com as Biblias de Londres, que ficam expostas, e vereis que não ha nellas a menor alteração, nem vicio nem falsificação; portanto as Biblias de Londres são canonicas, e não são lutheranas nem calvinistas.

Quanto á falsidade da Biblia de Nova-York, trocando a palavra *sacramento* pela palavra *myst'rio*, ajustaremos nossas contas com o Sr. Arcebispo mais adiante.

S. Ex. continuando diz, que o cap. 5.^o da primeira Epistola de S. João é talvez o que mais falsificado se acha, porque contém, nada menos de oito alterações; e então cita verso por verso comparando o que diz a Biblia de Nova-York com a vulgate, que elle traduz, ou serve-se da traducción do Padre Antonio Pereira, para mostrar as modificações entre uma e outra.

De qualquer modo, o que se acha na Biblia do Padre Antonio Pereira é justamente, sem um til de diferença, o que se acha nas Biblias de Londres expostas, que o Sr. Conego pôde comparar. Os versos

citados como adulterados ou falsificados são os seguintes — 6, 10, 13, 15, 17, 18, 19 e 20 do cap. 5.º da primeira Epistola de S. João, dirigida aos Parthos, segundo diz S. Agostinho.

Podíamos copiar da Biblia do Padre Antonio Pereira os versos da carta de S. João, para que o Sr. Conego Campos não tivesse o trabalho de compulsal-os em outro lugar; mas tenha paciencia, por quem é; faça-o para livrar-nos do incommodo de copial-os, e aos compositores de compôl-os; assim se poupa tempo e dinheiro.

Ora pois, aqui parou o Sr. Arcebispo — nem um vicio ou falsificação achou mais S. Ex., apezar de *pulularem* os erros por toda a parte. Eis-ahi portanto a *enormidade* desses erros e vicios: — *um* nos quatro Evangelhos, *um* na carta de S. Paulo a Timotheo, *outro* na carta do mesmo Apostolo aos Corinthios, *outro* na carta aos Ephesios, *outro* no cap. 6.º dos Actos apostolicos; isto é, cinco pequenas alterações ou modificações; que com oito sómente na primeira carta de S. João, fazem treze alterações na volumosa collecção da Biblia Sagrada !!

A verdade é que a Biblia do tal Padre Almeida parece restrictamente traduzida do original grego, donde tambem a traduzio S. Jeronymo, e todos quantos fizerao traduções do Novo Testamento; visto que todo

elle, a excepção do Evangelho de S. Matheus foi escripto nesta lingua. Mas tambem é verdade que o tal Padre podia saber muito hollandez, e mesmo inglez, muito grego e muito latim, porém portuguez, sabia-o pessimamente, ou já se havia delle esquecido. Com effeito — gozo hajas em graça aceita — pôde ser tudo menos portuguez.

No lugar, porém, do Sr. Arcebispo (perdõe-nos S. Ex.) em vez de condemnarmos todas as Biblias em portuguez, advertiríamos simplesmente aos nossos diocesanos, que tivessem cuidado com uma Biblia, impressa em Nova-York, que continha alterações essenciaes em materia de dôctrina da Igreja, para que não a lessem ou não a comprassem — isto teria sido mais christão!

E' singular, que existindo uma traducção portugueza, na qual se poderiam fazer todas as alterações que se quizesse, fosse emprehendida uma nova traducção sómente com o gosto de fazer nella treze pequenas mudanças, isto é, variações no modo de traduzir ; principalmente quando a nova traducção pecca pelo estylo, e pela graça. Emfim, não conhecemos a tal Biblia, e por isso não podemos adiantar-nos mais.

Resumamos: do que temos dito até agora segue-se :
1.º que as Biblias de Londres não contêm um só

erro, ou alteração dos que notou o Sr. Arcebispo na de Nova-York ; e por consequencia, que o Canon do Novo Testamento na de Londres é tão perfeito como o da edicção de 1794 de Lisboa, é tão orthodoxo como o desta : 2.º que o Sr. Conego Campos não notou, nem podia notar nas Biblias de Londres os mesmos vicios ou erros da Biblia de Nova-York; portanto que não foi sincero quando asseverou que por si mesmo *teve occasião de verifical-os.*

Entretanto desculpamos até certo ponto o Sr. Conego Campos ; elle acreditava demasiado no Sr. Arcebispo, e deduzio de si para si que todas as Biblias deviam ter as mesmas alterações ; e ainda seria mais desculpavel, se não tivesse asseverado, que as havia verificado por si mesmo. E porém o Sr. Conego é um pouco jactancioso, e quiz dar de si uma prova, não da sua alta intelligencia, de que ninguem duvida, mas de trabalho e de perseverança, Vá que seja.

Emfim deixemos por ora o Sr. Conego Campos, e voltemos ao Sr. Arcebispo.

ARTIGO III.

Trataremos agora dos livros do Velho Testamento, que faltam no Canon da Biblia de Nova-York.

Diz o Sr. Arcebispo da Bahia (na pastoral que o Sr. Conego copiou no seu segundo artigo do *Diario de Pernambuco* de 6 de Dezembro ultimo) que Luther rejeitou alguns livros do antigo Testamento, como os de Baruch, de Tobias, de Judith, de Ecclesiastico, o da Sabedoria e os 2 dos Macabeos; devia tambem acrescentar os capitulos 11 e 16 do livro de Esther, os versos de 24 a 90 do capitulo 3 de Daniel, e os capitulos 13 e 14 do mesmo Propheta.

Diz mais o mesmo Sr. Arcebispo que Luther tambem rejeitaria do Novo Testamento os seguintes livros: a Epistola de S. Paulo aos Hebreos, as de S. Thiago e S. Judas, a segunda de S. Pedro, a segunda e terceira de S. João e o Apocalypse. Pois bem, o Sr. Arcebispo pôde asseverar em sua consciencia, que todos esses livros forao sempre aceitos pela Igreja Catholica, e que fôra Luther o primeiro, que os rejeitaria?

Devemos dizer, que não querendo fiar-nos sómente no Padre Antonio Pereira, procuramos uma Vulgata para ler nella os prefacios de S. Jeronymo, tanto dos livros do Velho como do Novo Testamento; e a Vulgata, que temos á vista é a Xistina — Clementina da Edicção de Veneza de 1760. Achamos algumas pequenas differenças dos prefacios da versão do Padre Antonio Pereira, mas isto será devido á outra edição de que elle se servira, visto que não diz nem aponta

qual entre tantas que se seguiram a de 1592; isto é, a correcta pelo proprio Clemente VIII.

Fazemos esta declaração para que o Sr. Arcebispo saiba qual a Vulgata de que nos servimos, e possa rectificar por ella o que dissermos. Agora prosigamos.

Até o seculo V, todos os catalogos omittem os livros acima mencionados—o que quer dizer que até essa época nenhum desses livros era reputado canonico, desde o catalogo de Militão, Bispo de Sardes, que floresceu ameiados do II seculo, e do que nos deixou *Origines* no meio do III seculo e de Santo Athanasio no principio, e o de S. Gregorio Nanzianzeno ameiado do seculo IV até S. João Damasceno, que floresceu a meados do seculo VIII, todos estes Padres e theologos omittiram em seus catalogos os citados livros, de que falla o Sr. Arcebispo; e o Padre Antonio Pereira acrescenta mais Santo Hilario (Bispo de Poitiers), Santo Epiphanio, S. Cyrillo de Jerusalém, S. Filastro, Santo Amphilochio, Rufino de Aquilea, amigo intimo de S. Jeronymo, e o proprio S. Jeronymo no prolego *Galeato* (apologetico).

Todos esses Padres e Doutores excluiram, uns de seus catalogos, e outros não admittiam, como canonicos, os livros do Velho Testamento, que não se acham nas Biblias de Londres ou na de Nova-York; livros que só começaram a aparecer em alguns catalogos no se-

culo V. O primeiro que fez menção desses (Judith, Tobias, Ecclesiastico, Sabedoria, Macabeos, etc.) foi o Papa Innocencio I em principio do seculo V —depois o VI Concilio de Carthago, depois Santo Agostinho, e ultimamente o Papa S. Gelasio no fim do mesmo seculo.

Cumpre advertir que os livros do Novo Testamento, que o Sr. Arcebispo menciona como rejeitados por Luthero, tambem foram excluidos dos Catalogos dos Santos Padres até o seculo V. Seguindo igualmente a sorte dos do Velho Testamento mencionados; quando não todos juntos, ao menos destacados, como por exemplo: Origines e S. Amphiloco põem em dúvida algumas das sete Epistolas catholicas—S. Cirillo de Jerusalém, S. Gregorio Nanzianzeno, e o Concilio de Laodicea omittem o Apocalypse, etc.

Era tal a divergencia entre os Padres e theologos dos primeiros seculos, que elles mesmos dividiram esses catalogos em livros *proto-canonicos*, e *deutero-canonicos*, ou canonicos da 1.^a e da 2.^a ordem. Os da 1.^a ordem, ou *proto-canonicos* são aquelles livros, que todas as Igrejas tiveram sempre por divinos sem a menor discrepancia, e são justamente aquelles que se acham no Canon do Velho Testamento, que trazem as Biblias de Londres, sem um til de diferença.

São igualmente de 1.^a ordem ou *proto-canonicos* os seguintes livros do Novo Testamento.—Os 4 Evan-

gelhos, Actos apostolicos; todas as Epistolas de S. Paulo, menos a ultima aos Hebreos; a 1.^a de S. Pedro, e a 1.^a de S. João.

São porém da 2.^a ordem, ou *deutero-canonicos*, isto é, livros sobre os quaes existio por muitos seculos duvida da sua canonicidade, os seguintes do Velho Testamento, « Baruch, Tobias, Judith, Sabedoria, Ecclesiastico, os 2 dos Macabeos, alguns capitulos de Esther e de Daniel, etc., e do Novo Testamento. »— Cinco das sete Epistolas catholicas a de S. Paulo aos Hebreos e o Apocalypse.

Diz o Padre Antonio Pereira, que S. Jeronymo era o primeiro a duvidar das 5 Epistolas catholicas, da Epistola aos Hebreos e do Apocalypse; e que na carta a Dardano diz que a Epistola aos Hebreos não era admittida pelos latinos, nem o Apocalypse pelos Gregos. Ora, quando na igreja latina se começou a abraçar os livros *deutero-canonicos* do Novo Testamento, continuaram a ser rejeitados os do Velho Testamento; o que se conforma justamente com as Biblias de Londres, admittido o Canon completo do Novo Testamento, e rejeitando os livros *deutero-canonicos* do Velho Testamento.—Que parte teve nisto Luthero?

O que é certo é que até o Concilio Florentino (a meiado do seculo XV) nenhuma autoridade da Igreja havia decidido a questão de preferencia, nem havia

decretado o Canon dos livros sagrados ; isto é, nem um Concilio ecumenico havia igualado os livros da 1.^a com os da 2.^a ordem ; sendo licito portanto duvidar-se da canonicidade destes, como duvidaram, e não só duvidaram, como rejeitaram-nos como não canonicos, todos os Padres e Doutores das Igrejas Grega e Latina até o V seculo da era christã.

O que ha de mais importante ainda é que, ao mesmo tempo que o Papa Innocencio I, e os Concilios de Carthago declaravam canonicos todos os livros de um e outro Testamento, que hoje vemos canonisados pelo Concilio de Trento, S. Jeronymo, no *prefacio* dos livros de Salomão (attenção, Sr. Arcebispol) disse, que os livros de Tobias, Judith, Sabedoria, Ecclesiastico, etc., os lia a Igreja, *mas que os não recebia como canonicos*, e isto mesmo repetio Rufino, na exposição do symbolo, affirmando, que os ditos livros os lia a Igreja aos fieis, como pios, mas não como livros, donde a mesma Igreja tirasse os seus dogmas.

Ainda depois de publicado o decreto de S. Gelasio, S. Gregorio Magno, citando um texto dos Macabeos, prevenio aos leitores, que lhe não estranhasssem citar livros, posto que não canonicas—*si ex libres licet non canonicis.*—

A meados do seculo XV, fez o Papa Eugenio IV passar no Concilio de Florença um decreto, que entre

outras cousas trazia o Canon de um e de outro Testamento como fôra approvado, pouco mais de um seculo depois, pelo Concilio de Trento. Sem embargo, Santo Antonino, Arcebíspio de Florença, que sobreviveu ao mesmo Concilio Florentino, na sua *summa theologica* disse que os livros de Judith, Tobias, Sapiencia, Ecclesiastico, Macabeos, etc., na opinião de S. Jeronymo não erão de *tanta autoridade* como os outros da Escritura Sagrada.

Diz ainda mais o mesmo Santo Antonino, que S. Thomaz, e Nicolão de Lyra (sobre Tobias) são da mesma opinião, isto é, que estes livros (deutero-canonicos) não são de tanta autoridade, que se possa delles tirar argumento efficaz nas cousas que são de fé.

De tudo isso se deduz, que a opinião, que desses livros fazia S. Jeronymo no seculo IV era a mesma de S. Thomaz no seculo XIII e de Nicolão de Lyra no seculo XIV. Ora, contemporaneo de Santo Antonino foi o grande Bispo de Avila Affonso Tostado, o qual, na prefacção ao Evangelho de S. Matheus, declara que os citados livros de Judith, Tobias, Sapiencia, etc., os permettia ler a Igreja, e ella mesma os lia nos seus officios, mas que os não tem por canonicos, nem *obriga os fieis a recebe-los*. Aqui acrescenta o Padre Antonio Pereira as razões porque a Igreja não tem por desobedientes os fieis que os não recebem.

Ainda ha outro testemunho irrefragavel da não canonicidade desses livros, é o celebre Cardeal Cayetano, que floresceu 90 annos depois do Concilio de Florença, no fim dos seus *Commentarios* sobre os livros historicos do Velho Testamento, impressos em Roma no anno de 1532. Pois bem esse Cardeal excluiu da classe dos livros divinos todos os livros citados do Velho Testamento. Ainda mais, tendo o Concilio de Florença contado entre os livros canonicos do Novo Testamento a carta de S. Paulo aos Hebreos, o Cardeal Cayetano, no prologo dos seus *commentarios*, fallando dessa carta, nega que ella fosse de S. Paulo, ou que fosse canonica.

Frei Francisco de Jesus Maria Sarmento, no prologo da sua traducção ou paraphrase da Biblia Sagrada, que foi impressa em Lisboa, com todas as licenças, no anno de 1778, diz que todos os livros sagrados, tanto do Velho como do Novo Testamento, se dividem em *proto-canonicos*, e *deutero-canonicos*, ou da 1.^a e da 2.^a ordem; e depois de os nomear, um por um, classifica como *deutero-canonicos* os livros de Tobias, Judith, Baruch, Sabedoria, Ecclesiastico, Esther, e Macabeos do Velho Testamento; e do Novo, a carta aos Hebreos, as de S. Tiago, S. Judas, a 2.^a de S. Pedro, 2.^a, 3.^a, e o *Apocalypse* de S. João.

Diz mais o mesmo Sarmento, que se chamam *proto-canonicos* os livros, de que a Igreja nunca duvidou, e

deutero-canonicos aquelles de que teve duvida, até que illustrada pelo Espirito Santo os julgou canonicos isto é, que a Igreja os lia, e admittia em seus officios como os outros.

Do que não resta duvida é que até o Concilio de Trento não havia o menor accôrdo entre os catholicos sobre o Canon de um e outro Testamento; e que foi este Concilio quem fixou a concordancia entre os livros *proto* e *deutero*-canonicos. Mas de que modo se fixou elle? qual a biblia aprovada? ou qual a Vulgata, que devia regular dahi em diante? Qual era a Vulgata *authentica* de que falla o mesmo Concilio?

Finalmente diremos que muitos padres dos primeiros seculos da Igreja, como Militão, Origenes, S. Hilario, S. Athanazio, S. Cyrillo de Jerusalem, S. Epiphonio, e os Padres do Concilio de Laodicea, omitiram em seus catalogos os livros chamados depois *deutero*-canonicos; que S. Jeronymo, Rufino e S. Gregorio Magno os tiveram tambem por não canonicos; a ponto de dizer o proprio S. Jeronymo, no prefacio do livro de Judith, que apezar de haver o Concilio de Nicea contado entre os livros sagrados este livro, elle continuava a duvidar da sua canonicidade.

Diz ainda mais o mesmo S. Jeronymo, no prefacio do livro de Tobias, que não achando este livro no Canon dos Hebreos, o traduzira unicamente para obe-

decer ao mandado dos Bispos (A Vulgata Xistina— Clementina de Veneza, que temos á vista). Tambem pedimos ao Sr. Arcebispo que leia a prefaçao do padre Antonio Pereira ao mesmo livro, e verá o que elle diz sobre as contradicções dos diferentes textos, e ainda mais a critica de Calmet e Houbigant sobre a chronologia de Tobias.

Além de todos esses argumentos ha para nós um irrespondivel, e vem a ser que no Novo Testamento estão citados todos os livros do Antigo Testamento chamados proto-canonicos, e delles se fazem allusões; enquanto que não se acha citado nem mencionado, nenhum dos livros deutero-canonicos, nem delles se faz a menor allusão; isto prova decidamente que o Canon hebreo era o unico que os apostolos admittiam.

Mas o Concilio de Trento declarou canonicos todos esses livros, e somos obrigados a tel-os como taes. E' verdade que pela carta de lei de 8 de Abril de 1569 (não achamos em nenhuma collecção dos extravagantes semelhante lei, e apenas nos referimos ao Conde de Irajá nos seus elementos de Direito Ecclesiastico), mandou El-Rei D. Sebastião, que se guardasse o Concilio de Trento em todas as suas partes ; mas não foi aceito nem publicado em todos os estados catholicos como diz o mesmo Conde de Irajá, pois que só o receberam *in integrum* dous pequenos estados (a Saboya, e outro de que agora não nos recordamos.)

E' tambem verdade que o dito Concilio fôra publicado na França (o contrario diz o citado Conde de Irajá) mas foi cassado depois em todas as suas partes por arrestos de todos os parlamentos do reino. Felippe II, fiel á politica de seu pai, nunca consentio que se publicasse em Hespanha, apezar de o haver promettido solemnemente a Pio IV, como diz o Dr. Llorente na sua defeza do projecto sobre a Constituição civil do Clero. Toda a Allemanha não o aceitou nem podia aceitar ; portanto o Concilio de Trento, apezar da sua suposta *ecumenicidade* não obriga senão á uma pequena parte do povo christão.

Mesmo em Portugal pôde-se dizer que não vigora senão na sua sessão de 24—*de reformatio matrimonii*.—Pelo antigo direito patrio, ecclesiastico nenhuma bulla, decreto, rescripto ou breve pontifício, ou disposição canonica tinha effeito em Portugal, nem obrigava aos portuguezes, uma vez que fossem contrarios aos usos, costumes, leis, em fim ao direito consuetudinario do reino. O primeiro inconveniente foi o exercicio do Grão-mestrado das tres ordens militares e a extensão dos seus privilegios e regalias, como se vê dos estatutos da ordem de Aviz. (Tit. 5. Defin. 52.)

Não sendo aceito em tudo quanto podesse ir de encontro aos privilegios das ordens militares,, tambem

deixou de ter execução na parte que se opunha aos estylos do reino. (Vid. dec. de 3 de Nov. de 1776).

Ainda temos outra prova a favor da nossa opinião, é que a 4.^a sessão, que declarou canonicos todos os livros deutero-canonicos de um e outro Testamento, foi julgada não *ecumenica*, por Padres e theologos de toda a Europa, porque á ella só assistiram 5 Cardeaes e 48 Bispos, numero insufficiente para constituir um concilio geral de toda a christandade. Ora, diz Palavicino que esta duvida fôra proposta no proprio Concilio, mas que nunca elle a decidira.

ARTIGO IV.

O que significa, pois, o silencio do Concilio? é que tacitamente confirmou a opinião desses theologos; e é esta tambem a do mesmo Palavicino; tanto que elle accrescenta depois, que o Concilio não decidiu a duvida, porque para anuullar a 4.^a sessão, seria mister annullar desde a primeira, visto que para todas ellas tinha concorrido igual numero de Padres.

Ora Paulo Sarpi (Fra Paolo), na sua historia do mesmo Concilio, ainda foi mais explicito, dando lugar a Hody para dizer na sua obra—Dos textos originaes das Biblias—impressa em Oxford (1705) que a sessão 4.^a do Concilio de Trento, que declarou canonicos todos os livros da vulgata, *não obrigava*,

porque nella não houve numero para construir um Concilio ecumenico, unico que pôde obrigar os fieis a estarem pelas suas definições dogmaticas.

Supponhamos a ecumenicidade da sessão 4^a, ainda assim varios theologos catholicos, diz o Padre Antonio Pereira, na sua prefação geral, como Martianay e outros affirmam, que a intenção do Concilio Tridentino, no seu catalogo dos livros sagrados, não foi declaral-os todos de igual autoridade entre si; mas declaral-os capazes de se lerem todos na Igreja, em contraposição dos apeciphos e hereticos, porque fôra sempre esta a intenção dos Papas Innocencio e Gelasio e dos Padres d'Africa.

Mais um argumento para mostrar, que apezar da apparente igualdade com que o Concilio de Trento considerou os livros proto e deutero-canonicos, theologos profundos, como Melchior Cano, Bispo das Canarias e outros disseram, que negar a canonicidade dos primeiros fôra heresia, mas a dos segundos apenas um erro; proposição que o Padre Antonio Pereira procura combater, mas sómente com a sediça sentença da inspiração do Espírito Santo; enquanto outros se fundam nas tradicções da mesma Igreja, e no conceito de muitos Padres de grande autoridade.

Do que temos dito pôde alguém pensar, que também rejeitamos os livros deutero-canonicos. Longe

disto — os aceitamos taes e quaes decretou o Concilio de Trento: nem vemos que para a fé importe, regeitá-los, ou aceitá-los (*), quer na opinião dos Padres de Carhago, quer como pensava o Cardeal Cayetano e outros theologos modernos. O nosso fim foi provar, que não foi Luthero o primeiro ou o unico que os regeitou.

Luthero foi beber suas inspirações nos quatro primeiros seculos da Igreja, e regeitou esses livros pelas mesmas razões porque muitos Santos Padres e Doutores os haviam regeitado. E porque os aceitou o Concilio de Trento, igualando os livros proto-canonicos aos deutero-canonicos ? A razão principal foi porque Luthero havia regeitado os ultimos ; visto que o Concilio de Trento fôra convocado tão sómente para impedir o progresso da reforma, condemnando as doutrinas de Luthero e de seus sequazes ; convinha portanto approvar o que Luthero havia regeitado. Esta foi a causa principal, e não porque assim já o havia decretado o Concilio de Florença, como diz Paulo Sarpi (Fra Paolo) na sua historia do Tridentino.

Diz o Padre Antonio Pereira que «por livros inteiros, com todas as suas partes», se entendem, por exemplo, no Testamento Velho, todo o livro de Esther, como se

(*) Com isto não podemos concordar, em vista de Deuteronomio, cap. IV v. 2; Apocalypse cap. XXij. 18. 19 e outras muitas provas.

acha no hebreo, mas tambem os sete ultimos capitulos, debuia canonicidade tinham duvidado o Cardeal Hugo, Nicolao de Lyra e Dionizio Cartuxo—não só todo o livro de Daniel, como traz o Caldeo ; mas tambem a oração de Azarias, o hymno dos tres meninos, a historia de Suzana, e a historia do Dragão, que a Vulgata tomou do grego, etc.

Protestamos contra o que aqui diz o Padre Antonio Pereira, porque o Concilio de Trento, na sessão 4.^a celebrada a 8 de Abril de 1546 — *Decreto das escripturas canonicas*—menciona, entre outros livros, os de Esther e de Daniel sem commento nem addicção. Mas a Vulgata, accrescenta o Padre Antonio Pereira, assim os traz, e é a Vulgata antiga, que o Concilio approvou. Qual Vulgata ? E' a 2.^a vez que fazemos esta pergunta ; responderemos á ella mais adiante.

Tambem protesta contra o Padre Antonio Pereira o que disse Xisto de Senna na sua *Bibliotheca Santa*, e depois delle Luiz Dupin nos seus prolegomenos biblios ; ambos os quaes regeitam como não canonicos os ultimos sete capitulos de Esther, porque não se acham no texto hebreo; seguindo-se dari que tambem não é canonico tudo quanto falta em Daniel segundo o mesmo texto.

Com effeito o Sr. Arcebi po deve encontrar em qualquer das Vulgatas, que mencionamos, depois do

verso 23 do cap. 3 de Daniel, a seguinte nota ou epigraphe de S. Jeronymo—« *Quæ sequuntur in hebræis vo uminibus non reperi* » —E depois do verso 90, tambem a seguinte advertencia—« *Hucusque in hebræo non habetur : et quæ possuimus, de Th odo-tionis editioni translata sunt.* »—

No fim do cap. 12 do mesmo Daniel vem outra nota ou advertencia do mesmo S. Jeronymo, que é a seguinte :—« *Hucusque Danielem in hebræo volumine legimus. Quæ sequuntur usque ad finem libri, de Theodotionis ediçãoe translata sunt.* » Seguem-se depois os capitulos 13 e 14, isto é, a historia de Suzana, a impostura dos sacerdotes de Bello, a morte do Dragão, e como Daniel se livrou do lago dos leões, cujos capitulos foram traduzidos da edição Theodociana.

Creio pois que S. E. não poderá provar, que esses versos e capitulos de Daniel, traduzidos do herege Theodocio, foram contemplados pelo Concilio de Trento, nem que foram sempre admittidos pela Igreja até a Vulgata de Xisto V, que os contemplou, ainda que rejeitados de novo em todas as edições, que se fizeram da Biblia segundo o texto hebreo.

Agora convém responder á uma pergunta que já fizemos, e vamos repetir.—Qual a edição da Vulgata, que adoptou o Concilio de Trento, e julgou authentica?

E' provavel que fosse a versão latina, que se attribue a S. Jeronymo. Antes porém desta versão existiam outras muitas, entre elles uma, a que os Padres da África chamavam *Itala ou Italica*; e é desti segundo o texto grego ou versão dos setenta, que usava a Igreja até o tempo de S. Gregorio Magno (principio do seculo VII), em que se começou a usar da Vulgata de S. Jeronymo, que era segundo o texto hebreo.

E porque só então se começou a usar da versão de S. Jeronymo, depois de tantos annos, visto que a versão deste Padre foi feita a fim do seculo IV? *Discent Paduani!*

Diz porém o Padre Antonio Pereira, que a Vulgata latina, de que fallou o Concilio Tridentino, era uma mescla de ambas, isto é, da Italica a da Jeronimiana. Que ainda assim o Concilio não a considerou livre de erros, tanto que ordenou que a Vulgata fosse impressa o mais correctamente que fosse possível á diligencia humana—*emendatissime imprimatur*.— Logo achou o Concilio que na Vulgata haviam corrupções, de que era preciso expurgal-a. Foi isto o que fizeram os dous Papas Xisto V em 1590, e Clemente VIII em 1592.

Milhares de emendas foram então feitas, addições e alterações, e tão escandalosas, que o mesmo Antonio Pereira as aponta em varios livros do Velho Testa-

mento. Estas emendas tiveram ainda outra razão, e era o que disse Santo Agostinho—que quando na Sagrada Escriptura se encontra alguma cousa, que pareça falsa ou absurda, não se deve isto attribuir ao autor do livro, mas a erro de codice ou do interprete. Eis ahi porque se fizeram m lhares de emendas, onde se julgava que havia erro de interprete ou de copista.

Abramos um paren hesis por emquanto, e peçamos ao Sr. Arcebispo licença para uma pequena reflexão, e vem a ser: que o Concilio de Trento, approvando a Vulgata, mandou-a sem embargo corrigir. Pio IV nomeou para isto uma commissão, mas foi Xisto V, quem 23 annos depois, fez as correcções, e publicou uma nova Vulgata com o seu nome. Esta Vulgata foi acompanhada de uma Bulla, d zendo que as correcções tinham sido feitas pela sua propria mão; e ordenando, em virtude do seu poder apostolico, que fosse esta edicção como *autem in aliis* pelo Concilio de Trento; e que d'ahi por diante *nada fosse alterado* sob pena da indignação do Omnipotente Deos, e dos Santos Apostolos Pedro e Paulo.

Aqui para nós; Sr. Arcebispo, que ninguem nos ouça. Immedialmente houve um clamor geral contra a edicção Xistina, e dous annos depois Clemente VIII, apezar da indignação de Deos e dos dous Santos Apostolos, fez áquella mesma edicção duas mil emen-

das ou correcções, algumas em contradicção com as de Xisto V; e esta nova edição foi acompanhada de outra Bulla, revogando a de Xisto V sem se importar com a ira de S. Pedro e S. Paulo.

Era preciso salvar pois as apparencias, e Bellarmino atribuiu os erros da edição Xistina ao impressor— mas Lamoy provou que as contradições palpáveis de ambas as edições eram devidas aos dous Papas mencionados, porque ambos declararam que as tais edições se tinham feito debaixo de suas vistas. Feita esta reflexão, de que pedi nos perdão ao Sr. Arcebispo, voltemos ao fio do nosso assumpto.

Qual a parte da Vulgata actual, que pertence a S. Jeronymo, qual a parte da Vulgata antiga chamada itálica? S. Jeronymo diz que não traduziu os livros da Sabedoria, nem o Ecclesiastico, nem Baruch, nem os Macabeos, isto é, parte dos livros deutero-canonicos, os quais são da Vulgata antiga sem a menor dúvida. Estas contradições causaram a S. Jeronymo muitos dissabores pelas acres censuras, que sofreu a ponto delle mesmo declarar, que uma cousa era ser profeta, e outra interprete. O proprio S. Agostinho, tão seu amigo, lhe declara em suas cartas, que o não tinha por autor infallivel.

O que ainda é mais notavel é que a mesma Igreja lia Daniel, segundo a versão de Theodocião, que era

um herege ebionita (isto é, que nevaga a divindade de Jesus Christo.) Pelo que fica dito vê-se que a versão antiga ou *itala* não tem melhores fóros que a de S. Jeronymo, e que o Concilio de Trento não considerou a Vulgata como uma versão inspirada. Muitos Padres se julgaram habilitados para fazerem novas versões, uns segundo o texto grego dos setenta, e outros segundo o texto hebraico do Velho Testamento. No principio do seculo XVI, até a reunião do Tredentino, nada menos de 5 Vulgatas apareceram; a quinta em 1542 de Izidoro Claro, que foi Bispo de Fulgino, continha para mais de oito mil correccões nos sagrados textos.

Qual é pois a Vulgata authentica? Supponhamos que foi a primeira que se imprimio em Moguncia no anno de 1462, e successivamente reproduzida até a edição de Veneza de 1478. Assim seja; mas para que mandou o Concilio emenda-la? porque a emendaram os Papas Xisto V e Clemente VIII? Entretanto que uma junta de Cardeaes, do seio do mesmo Concilio, declarou que a ninguem era licito contradizer a Vulgata *nem n'uma syllaba, nem n'uma letra!* Quem entende pois semelhante moxinifada? Xisto V publica uma Biblia, correcta por elle, em 1590, dous annos depois Clemente VIII publica outra com novas correccões! Qual é hoje a Vulgata *authentica* do Concilio de Trento?!

De maneira que desde Pio IV, que confirmou o Concilio de Trento, concluido a fim de 1563, e sucessivamente Pio V, Gregorio XIII, até Xisto V, todos esses Papas se empenharam em dar ao povo christão uma Biblia correcta, empregando para isto os Padres mais doutos da Europa ; e sem embargo, publicada a Biblia em 1590, logo fôra denunciada a Gregorio XIV (por que Urbano morreu logo), como cheia ainda de mil imperfeições ; pelo que o mesmo Gregorio XIV mandou que a edição Xistina, fosse novamente vista e correcta ; nomeando para isto uma commissão de Cardeaes e Padres os mais illustrados. E como o pontificado de Gregorio durou apenas um anno, Clemente VIII fez todo o empenho de continuar aquella tarefa ; e supprimindo a edição de Xisto V, fez publicar outra edição (1592) emendada em mais de dous mil lugares ; não com o nome de Clemente VIII, mas com o mesmo de Xisto V.

Nesta edição, que se ficou chamando Xistina Clementina, declarou Clemente VIII por um Breve, que seria aquella por onde, dahi em diante, se fariam novas impressões da Vulgata. Em 1602 Francisco Lucas mandou ao Cardeal Bellarmino um livro, em que tinha compilado todas as emendas e alterações, que os correctores romanos tinham feito na Vulgata, e chegavam a muitos milhares ! e ainda apontava outros

muitos lugares nos 4 Evangelhos, que de novo se podiam emendar na sé de muitos manuscriptos gregos e latinos, que tinha consultado.

Dahi deduzem os theologos escripturarios, que os Papas e os Concilios podem mandar fazer todas as emendas ou alterações na Biblia, que julgarem convenientes, uma vez que sejam conformes com os codices mais autorisados na opinião dos mesmos theologos e padres da Igreja catholica. E todavia qual é a Vulgata authentica? Quando errassem os theologos que regeitam os livros de Tobias, Judith, Sabedoria, Ecclesiastico, etc., erravam com todos os Padres da Igreja até o seculo V, e dahi por diante com Papas e theologos da primeira ordem até o Concilio de Trento, e ainda depois (*).

(*) As emendas e alterações na Vulgata, e as contendidas e contradições de Padre contra Padre e de Papa contra Papa, a respeito de «o que é a Vulgata authentica», i commodão muito aos que desejão prohibir-as de todas as Escrituras Sagradas, que não seja segundo aquella traducção. Também podem abalar a fé dos que pensão que para ser christao é necessário acreditar em tudo que foi dito por Padre, por Papa e por Concilio, ainda quando, com infallibilidade extraordinaria contradizem-se directamente uns aos outros! Mas não incomodão, nem tocão na fé daquelles que, largando a traducção errada, e os ditos de homens (as vezes tão perversos como ignorantes) recorrerem aos originaes, que são a verdadeira regra da fé. Esse são a fonte limpa, aberta por Deos, e livre ainda dessas immundices humanas.

Desde o tempo de Christo o texto hebraico acha-se tanto nas mãos de Judeos como de Christãos e por isso fôia do alcance das emendas de Papas e Concilios: e graças a Deos,

Bem vedes, Sr. Arcebispo, que nessa luta travada na Igreja, desde os seculos apostolicos até quasi os nossos dias, sobre os livros proto, e deutero canonicos, não entrou para nada Luthero, nem foi o primeiro nem o unico que os regitou. Bem vedes igualmente que ha muito boas razões por ambas as partes; mas quando vemos S. Jeronymo (o doutor Maximo), S. Gregorio Magno e outros, declarando que consideram os citados livros não canonicos, não seremos nós (nem vós, Senhor Arcebispo !) que os condemnaremos por isto.

ARTIGO V.

Continuaremos ainda com o Sr. Arcebispo, pelo respeito e veneração, que nos merece.

Diz S. Ex. que não prohibio a leitura da Biblia; mas declara que o *saber ler* não é sufficiente para que qualquer pessoa esteja habilitada a penetrar o sentido dos livros santos. Entretanto o Cardeal Palavicinio (na sua historia do Concilio de Trento) refere, que no anno de 1546 o Cardeal Pacheco, Bispo de Jaen, reque-

pelo cotejo de codices inumeros, com o auxilio de concordancias Hebraicas, e pela luz lançada sobre a lingua Sagrada pelo esudo moderno da Arabica, e outras linguas congeneres podemos ora vir a ter certeza das palavras que Deos dictou, e do sentido dellas.

Devemos tambem dar graças a Deos pelas traduções portuguezas que existem, ainda que é muito para desejar que houvessem outras melhores.

N. do Redactor.

rendo no Concilio de Trento, que se prohibissem todas as versões da Escriptura nas linguas maternas de qualquer paiz, allegando para isto a praxe da Hespanha, que elle dizia ter sido aprovada pelo Papa Paulo II, o Cardeal Madrucci, Bispo de Trento, lhe respondera que quanto se tratava de ver se uma lei era conduçivel (util) ou não conduçivel, podia errar qualquer Sumo Pontifice; mas que S. Paulo não podia errar quando na pessoa de Timotheo exhortava todos os fieis a ler as suas gradas letras (Prefação geral.).

Perguntamos nós, se ha um só povo na Europa, mesmo na Asia e até mesmo na Africa, e ultimamente na Oceania, que não tenha uma ou muitas versões da Biblia em vulgar? Pois bem, não é só nas linguas cultas e modernas da Europa, mas nas antigas e barbaras, como a dos Coptos, Indios, Etiopes, Syrios, Sarmathas, Armenios, Arabes, Persas, que se acham traduções da Biblia, e de todas ellas ainda hoje existem codicilos impressos ou manuscriptos. A terra estava cheia das doutrinas dos Profetas e dos Apostolos, dizem S. João Chrysostomo na sua primeira Homilia sobre o Evangelho de S. João; e Theodoreto, seu discípulo, no seu 5º livro — de como se devem curar as paixões dos Gregos.

De sorte que o Sr. Arcebispo considera ainda hoje os Brazileiros abaixo dos Egipcios, dos Sarmathas, dos Etiopes e dos Armenios, para que não possamos ler

nem entender os Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Christo, pregado alias á infima classe da sociedade, ao povo ignorante e safaro da Galiléa e da Samaria! Deixai Senhor, que o povo leia por si os Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Christo, já que não ha quem os leia para elle ouvir; já que não ha quem lh'os explique. Deixai que o povo aprenda por si mesmo a palavra de Deos, do Deos vivo, pai do genero humano; que aprenda na sua fonte legitima a amar a Deos sobre todas as cousas e ao proximo como a si mesmo, visto que ninguem lh'o ensina.

Vede, Sr. Arcebispo, que Jesus Christo fallou sempre ao baixo povo nessa linguagem simples, clara e concisa; as vezes vehementes como o furacão, outras suave e branda como a aura matutina. Recordai os caps. 5, 6 e 7 de S. Matheus, que encerrão o famoso discurso chamado da montanha, e vede se ha igual entre os maiores oradores da escola moderna! Porque duvidais, Senhor, da unção e da eficacia da palavra de Deus? porque duvidais da fé humana, que é a fé do povo? Porque será mister, que um Padre ignorante, até da sua propria lingua, venha explicar-me as sagradas escripturas, que tantas vezes tenho lido nos textos mais antigos? Pois não vos bastará a autoridade de S. Lucas (cap. 16 v. 29), Actos apost. (cap. 17 v. 11), 2^a Epistola a Thimoteo (cap. 3 v. 15)?

As cartas dos Apostolos forão indistinctamente dirigidas aos povos (homens e mulheres); S. João dirige a sua segunda carta á Senhora Electa e a seus filhos, como prova de que nem as mulheres são inhabeis para se lhes communicar por escripto a palavra de Deos. Para que ninguem se julgasse inhibido de ler, ou de ouvir ler as cartas, que os Apostolos escreviam a esta ou áquella Igreja, requer S. Paulo da parte de Deos aos de Thessalonica, que façam ler a sua primeira carta a todos os irmãos; e aos Colossenses diz igualmente que, depois de lida por elles a sua carta, fizessem que também a lessem os da Igreja de Laodicea.

A este respeito ainda é mais expírito o Padre Antonio Pereira no seguinte trecho, fallando da utilidade que todos podem tirar da lição da Escriptura Sagrada.

« Ora, se os Apostolos, inspirados pelo Espírito-Santo, queriam e mandavam, que todos lèsssem as suas cartas: homens e *mulheres*, grandes e *pequenos*, *ecclesiasticos* e *seculares*, quem pôde duvidar, que a toda classe de pessoas, de um e outro sexo, é de summa utilidade a lição das Sagradas Escripturas? Se quando a fé dos professores do Christianismo estava tenra, e como em leite, julgavam estes primeiros mestres da religião, que nenhum danno lhes podia causar, mas que antes contribuiria muito esta lição para

os confirmar na mesma fé, e para excitar em todos elles a piedade e o amor de Deos: que perigo pôde haver hoje na lição dos Evangelhos, e cartas dos mesmos Apostolos; quando a fé se acha tão arraigada no coração de todos os verdadeiros catholicos romanos; e quando as divinas letras se achão tão explanadas nos escriptos de tantos Santos Padres, e nos commentarios de tantos expositores doutissimos? »

Quasi toda a doutrina dos Evangelhos foi dirigida por Jesus-Christo ao baixo povo, de que elle sempre andava acompanhado. Quem dirá, porém, acrescenta o mesmo Antonio Pereira, que a plébe judaica era mais capaz, e estava mais bem disposta para ouvir a palavra do Filho de Deos, do que está hoje o povo christão? Eram os Judeos, e podemos dize-lo, segundo uma allegoria de S. Paulo (Galatas, cap. 4, vrs. 22 a 24) os filhos de Agar, mulher escrava, que figurava o Testamento Velho, os christãos, porém, são os filhos de Sara, mulher livre, que figurava o Novo Testamento. Como é crivel, que se negue aos christãos, o que se concedeu aos Judeos; ou que os filhos do Novo Testamento tenhão menos parte nos misterios de Deos, do que os filhos do Velho Testamento?

Todos os antigos Padres igualmente concordam em aconselhar a lição das Escripturas a toda qualidade de pessoas, sem exceptuar as do sexo feminino. S. Je-

ronymo considerava de tanta importancia, e tão geralmente util a lição das Escripturas, que até ás donzelas e meninas de tenra idade aconselhava com empenho. Eis ahi como o Santo Doutor dá a Leta instruções, como ha de educar sua filha Paula :

« Aprenda primeiramente o Salterio. Sejam estes os canticos, com que se divirta o seu animo. Tire dos proverbios de Salomão os preceitos de bem viver. Costume-se a desprezar o mundo pela lição do Ecclesiastes. Sirva-lhe o livro de Job de exemplo de virtude e de paciencia. Depois passe a ler os Evangelhos os quaes nunca lhe devem sahir das mãos. E beba com toda a appetencia do seu espirito os Actos e cartas dos Apostolos.»

Em outra carta, dirigida a Gaudencio, o mesmo Santo Doutor se exprime da seguinte maneira: «Quando a menina chegar aos sete annos, e começar a ter pejo, e a fazer reparo no que falla, aprenda de cór o Salterio; e d'ahi, até os annos da puberdade, faça tesouro do seu coração os livros de Salomão, os Evangelhos, os Apostolos e os Proshetas. »

S. João Chrysostomo disse ainda mais, na sua Homilia 2.^a « Eu não sou monge, dizeis vós; tendes mulher e filhos, e casa de que cuidar. E' uma peste o cuidardes, que a lição das Divinas Escripturas é só para os monges, quando é mais necessaria a vós do

que a elles; porque os que andam no mundo, e recebem feridas, estes são os que mais necessitam de remedio. » — O mesmo Santo, na sua Homilia 9.^a diz o seguinte: — «Ouvi todos vós, que viveis no mundo, e tendes a vosso cargo mulher e filhos, como também a vós manda o Apostol' o ler as escripturas, e isto com grande cuidado e diligencia. »

O Padre Antonio Pereira acrescenta, que S. João Chrysostomo aconselhava com igual efficacia a lição das sagradas letras na Homilia 3.^a, e no proemio sobre a epistola aos Romanos, que a Igreja manda ler todos os annos no 2.^º Nocturno da 2.^a Dominga depois da Epiphania.

Ora, até aqui temos provado que os mesmos Apostolos e Santos Padres recommendaram que os fieis lessem as Escripturas Sagradas, tanto do Novo como do Velho Testamento. Mas o Sr. Arcebispo quer, que não se possam ler as Escripturas sem annotações e interpretações, ou sem notas explicativas do texto. Muito bem, Sr. Arcebispo; lêde agora o que diz a este respeito o proprio S. João Chrysostomo na citada Homilia 9.^a

« Não esperes outro Doutor! ou outro mestre! Tens as palavras de Deos — *ninguem te ensina como elles!* — Ouvi todos, os que tendes á vossa conta as cousas desta vida; e ponde promptos para o vosso uso

uns livros, que são o remedio da alma. Quando não queiraes outros, tende se quer o Novo Testamento; os Evangelhos, os Actos dos Apostolos, que são uns mestres a toda hora. »

Seguindo pois este preceito temos comprado, e dado á pessoas do nosso conhecimento, livros contendo sómente o Novo Testamento, de uma edicção de Londres de 1858 ; mas depois de cotejados, e comparados com a edicção do Padre Antonio Pereira, sem que lhes falte uma virgula. Talvez nos dirão que erramos, mas erramos com S. Jeronymo, e S. João Chrysostomo, com esses doas famosos Padres, um da Igreja Latina e outro da Igreja Greja ; assim como poderiamos tambem chamar em nosso auxilio a Igreja da Africa, se tanto fosse preciso.

Ainda assim, apezar de S. Jeronymo e de S. João Chrysostomo, desejaríamos perguntar ao Sr. Arcebispo quem foi o interprete ou anotador de Jesus Christo, quando elle pregava ao povo rude e ignorante da Judéa? Quem ou quaes foram os annotadores ou interpretes das cartas de S. Paulo, de S. João, de S. Pedro, de S. Thiago e S. Judas? Quem explicava aos Romanos, aos Hebreos, aos Corinthios e aos Colossenses e a Tito e a Timotheo, o que lhes dizia em suas cartas o Apostolo das Gentes? E se esses povos e esses individuos as entendiam perfeitamente, porque não as

entenderemos nós outros, povos muito mais civilizados e já amestrados nestas doutrinas por uma tradição de 19 séculos ?

Agora, Sr. Arcebispo, dizei-nos, porque nos rebaixaes tanto ? Porque nos haveis de collocar abaixo dos Judéos do começo da era christã, desses Judéos, de quem os Romanos tinham tanto asco ? Porque nos suppondes tão estúpidos, que nem a palavra de Deos possamos comprehendêr ? Porque nos haveis de privar do sal da vida, do unico alimento do espirito, que é a Escriptura Sagrada, no dizer de todos os Santos Padres e Doutores da Igreja ?

Dai-nos, pois, o Evangelho como Jesus Christo o pregou ; dai-nos-o simples e puro como Elle o anunciou, sem mancha de autoridade humana, que o pollua, porque Deos *em pessoa*, Deos de *viva voz* não necessita de *interprete*—é uma blasphemia dize-lo.

ARTIGO VI.

Passemos agora a outro ponto mais delicado. Diz o Sr. Arcebispo que Luthero e Calvino investiram contra o Sacramento do Matrimonio ; e como entre os monumentos da antiguidade christã, que attestam que Nosso Senhor Jesus Christo elevou o contracto matrimonial á dignidade de Sacramento, está em pri-

meiro lugar o Oraculo de S. Paulo na Epistola aos Ephesios (cap. 5, v. 32), os falsificadores da Biblia viciaram a traducção deste texto.

O Apostolo, continua o Sr. Arcebispo, depois de haver traçado a obrigação dos casados, conclue dizendo: — « *Sacramentum hoc magnum est, ego autem dico in Christo et in Ecclesia.* » — O que quer dizer, ou diz a traducção do padre Antonio Pereira — « Este *Sacramento* é grande, mas eu digo em Christo e na Igreja. » — Na Biblia porém de Nova-York acha-se assim traduzido o mesmo texto. — « Grande é este *mysterio*, etc. » Então diz o Sr. Arcebispo, que esta alteração foi para desviar a idéa de *Sacramento*, que o texto sugere, e por este modo atenuar a autoridade do Apostolo.

Antes porém de entrarmos no amago da questão, diremos que todo o Novo Testamento foi escripto em grego, a excepção do Evangelho de S. Matheus, unico escripto em hebraico; que a propria Epistola de S. Paulo aos Romanos foi escripta em grego, apesar de saber o Apostolo perfeitamente a lingua latina, pelo que fôra criticado em seu tempo; que a traducção da Vulgata, na parte do Novo Testamento, foi feita do proprio texto grego; nem havia outro porque era o texto original.

Pois bem, no texto grego de todo o Novo Testa-

mento se encontra vinte e sete vezes a palavra *Mysterion*. S. Jeronymo (foi elle ? vá que seja), traduziu de anove vezes a citada palavra *Mysterion* por *mysterium*, e em oito lugares por *Sacramentum* ! Ora, porque traduziu S. Jeronymo a mesma palavra por *mysterium* sómente algumas vezes ? Pôde o Sr. Arcebisco asseverar que fôra S. Jeronymo o traductor infiel, que fizera semelhante alteração, visto que era impossivel que outro qualquer a tivesse feito até fins do seculo IV ?

Desde o segundo seculo começaram a apparecer traduções dos livros sagrados; Santo Agostinho diz que no seu tempo eram varias as versões, além da Italica adoptada pelos Padres d'Africa. Mas nenhuma dellas podia trazer a variante de *mysterio* para *Sacramento*, visto que os dous primeiros Sacramentos foram instituidos pela Igreja justamente a fins do seculo IV ou principio do V.

A palavra *Sacramentum* é puramente latina, e significava juramento; e era especialmente applicada ao que nós chamamos juramento de bandeiras—isto é, o juramento que prestava aquelle que se alistava na milicia. A palavra grega *mysterion* não podia portanto significar Sacramento, nem a palavra latina *Sacramentum* tinha a significação que hoje se lhe dá, isto é, signal sensivel de um effeito interno e espiritual, que

Deos opera nas nossas almas, como a regeneração, e a remissão dos peccados, o dom da graça e do Espírito Santo.

Quando pois se fez aquella alteração, quando foi substituida na Vulgata a palavra *mysterium* pela palavra *Sacramentum* em oito lugares? talvez no sexto ou setimo seculo, talvez muito depois. Nós appellamos para o Sr. Arcebispo; a lingua grega lhe deve ser muito familiar, visto que é um grande theologo; pois bem, compare o texto grego de S. Paulo, e veja se o Padre Almeida o falsificou, traduzindo neste lugar a palavra *mysterion* por *mysterio*, como em dezenove vezes o fez o proprio S. Jeronymo, e em vinte e duas vezes o Padre Antonio Pereira. •

Entretanto vejamos como o mesmo Padre Antonio Pereira entendeu o texto grego, apezar da versão latina da Vulgata, que devia ter presente, e que lhe servio de texto para a sua traducción. Pois bem, das vinte e sete vezes, em que apparece no texto grego do Novo Testamento a palavra *mysterion*, o Padre Pereira traduzio vinte duas vezes (a Vulgata latina sómente dezenove vez es) a palavra *mysterion* por *mysterio*, uma vez traduzio *segredo*, e sómente em quatro lugares traduzio *Sacram ento*, e porque? Com effeito, como traduzir a palavra por douis differen'es modos, e tão

differentes, que transtornam completamente o sentido da oração? Vejamos.

Na tradução do Padre Antonio Pereira da 1.ª carta de S. Paulo a Timotheo (cap. 3 v. 16.) acha-se o seguinte: «E visivelmente é grande o *sacramento de piedade*; com que Deos se manifestou em carne; foi justificado pelo Espírito, foi visto dos Anjos tem sido pregado aos gentios, crido no mundo, recebido na gloria.» Agora perguntamos nós—qual é o sacramento da *piedade* quem o instituiu? O que é manifestar-se em carne; senão o mysterio da Encarnação e quem fez desse mysterio um sacramento?

Agora porém substituimos no mesmo lugar em vez de sacramento a palavra *mysterio*, e teremos o sentido completo de todo o verso; porque foi na realidade um *mysterio* da Sabedoria Divina tudo isto que refere o Apostolo; isto é, o mysterio da Redempção, desde a Encarnação até a Ascenção de Nosso Senhor Jesus-Christo. Sempre ouvimos dizer mysterio da Encarnação, mas nunca sacramento, que a propria Igreja desconhece!

Ainda outro exemplo—na carta aos Ephesios cap. 3 acha-se assim traduzido o v. 3.—« Posto que por revelação se me tem feito conhecer o *sacramento*, como *acima escrevi* em poucas palavras. »—Ora, nos dous primeiros capítulos não fallou o Apostolo de sa-

ramento algum, nem de cousa que se referisse a sacramento na accepção da palavra, como entende a Igreja; apenas falla da Redempção, que é outro mysterio e não sacramento.

Substituí agora a palavra Sacramento por mysterio, e vereis como fica completo o sentido; e vem a ser que por revelação se lhe fez conhecer o mysterio como ácima escreveu; isto é, o mysterio da Redempção, descripto nestas palavras (Cap. 2, v. 1) « E elle é quem vos deu a vida quando vós estaveis mortos p' los vossos delictos e peccados. » De sorte que por essas miseraveis substituições se desvirtua todo o sentido do Apostolo e se perverte a sua doutrina! que miseria, Sr. Arcebispo!

Prova tanto mais que o Apostolo no citado cap. 3, v. 3 da carta aos Ephesios não usou da palavra sacramento, mas da palavra mysterio, quanto que o mesmo Apostolo completa o seu pensamento no v. 4 immediato, dizendo. — « Onde pela lição podeis conhecer a intelligencia que tenho no *mysterio*, de Christo. » Logo foi desse mysterio, e não de sacramento, que fallou S. Paulo no verso anterior. Isto Sr. Arcebispo é mais claro que a luz meridiana.

Vá mais outro exemplo — na mesma carta de S. Paulo aos Ephesios (cap. 1, v. 9) lê-se na Vulgata o seguinte: — « Ut notum faceret nobis *sacramentum*

voluntatis suæ, etc. » Aqui não pôde dar-lhe volta o Padre Antonio Pereira e traduzio assim—« assim de nos fazer conhecer o *segredo* da sua vontade, etc. » Pelo menos ha senso *commun* na traducçao do Padre Antonio Pereira, porque *mysterion* em grego tambem significa segredo ; mas sacramento, Sr. Arcebispo ! onde está o sacramento da vontade, quem o instituio ?

Agora, vos pedimos, Sr. Arcebispo, que leais a nota (g) que vem na Vulgata abaixo deste mesmo verso, e que o Padre Antonio Pereira não traduzio, nem se refere á ella, contentando-se com sómente corregir a estupida alteração da Vulgata. A nota, que é extensa, começa assim : — Adeo ut nobis notum fecerit *arcanum*, seu *mysterium* illud, quod a sola ejus voluntate pendebat, etc. » Vêde pois como a nota veio corregir a alteração do texto, declarando que se deve entender por segredo ou mysterio o que no citado verso se lê sacramento !!!

Do mesmo modo fallou S. Paulo na dita carta aos Ephesios (c. 5 v. 32), que o Padre Antonio Pereira traduzio da seguinte maneira :—Este *sacramentum* é grande, etc., »—No texto grego se diz *mysterion* em lugar de *sacramen'um*, que traz a Vulgata ; e *mysterion*, nos diccionarios gregos, que consultamos, significa mysterio, segredo, ceremonia secreta, doutrina secreta (politica ou religiosa), cousa incompre-

hensivel, ou difícil de explicar, mas não sacramento, que era cousa desconhecida em tempo de S. Paulo, e sobretudo na lingua grega.

E porque traduzio o Padre Antonio Pereira por sacramento a mesma palavra que em 22 vezes traduzio por mysterio? A razão é clara, o Padre Antonio Pereira era clérigo catholico, e achou que não devia alterar um texto, posto que falsificado, que servia á Igreja de fundamento para um dos seus dogmas. Mas isto não quer dizer, que S. Paulo não usou da palavra *mysterio*, e que os que traduzem a palavra, *mysterion* por mysterio commettem uma falsificação; pelo contrario é a Vulgata que falsificou o texto de S. Paulo, e o Padre Antonio Pereira não teve outro remedio senão reproduzir a falsificação da Vulgata.

Como provaes, Sr. Arcebispo, que erram os Ellenistas que traduzem o v. 32 do Cap. 5 da carta aos Ephesios. — « Este *mysterio* é grande, etc., » em lugar de — « Este *sacramento* é grande, etc., » ? Como provaes que a palavra grega *mysterion* significa umas vezes mysterio, outras segredo, e outras sacramento ? S. Paulo quiz fallar do mysterio, em virtude do qual o homem deixa pai e māi para unir-se a sua mulher, vindo a ficar assim dous em uma mesma carne; e então exclama — este mysterio é grande.

Se a Igreja entende que, para apoiar a instituição do sacramento do matrimonio, convém pôr na bocca de

S. Paulo cousa que elle nunca disse, faça-o muito embora; mas não crimine a quem se cinge ao texto original, e traduz o que verdadeiramente disse o Apostolo. Ninguem emfim provará que S. Paulo, nem neste, nem nos lugares citados, deu á palavra *mysterion* outra significação que a de mysterio ou cousa ardua e difícil de comprehendêr.

Entretanto cumpre-nos declarar que tudo isto que temos dito só serve para provar que Luthero e Calvino tiverão tanta parte nessas alterações, como na exclusão dos livros deutero-canonicos do antigo Testamento.

Agora só nos resta pedir ao Sr. Arcebispo, que veja neste nosso artigo tão sómente uma discussão litteraria, sem attribuir a erro de fé o que possa ser da nossa intelligencia. Para nós temos uma fé robusta nas Escrituras; tanto que fóra delas não admittimos outra discussão. A historia, a legislação e a moral começaram com o Velho Testamento; a primeira idéa de Deos é bebida no Pentateuco.

Jesus Christo modificou a legislação e a moral, e mudou a face do mundo pela igualdade, liberdade e fraternidade, principios desconhecidos nos livros antigos. Com o Novo Testamento começou outra era, a da idade media, durante a qual a doutrina de Jesus Christo foi posta a prova entre a bigorna e o martello; mas, apesar de moída, nunca a poderão delir. Hoje

ella triumpha apezar da reacção, e creio que o mundo será salvo quando o Evangelho for a unica lei do genero humano.

ARTIGO VII.

Vamos agora ocupar-nos com o Sr. Conego Campos, aquem ainda devemos uma resposta.

Quanto ao seu primeiro artigo, visto que já nos ocupamos do segundo, em que vem envolto o Sr. arcebispo, temos pouco que dizer. Louvamos o seu ardimento, tomando a si a causa da religião, que mais que nunca precisa hoje de defensores habeis e valentes; em cujo caso ninguém mais; e tanto que se não intimida de tovar-se corpo a corpo (são suas proprias palavras) com os erros do protestantismo, visto que a simples leitura da Cartilha habilita a pulverisal-os.

Depois deste preambulo *galeato*, justifica a sua resolução com um artigo, que transcreve de um jornal protestante pu' licado no Rio de Janeiro, e em seguida diz que assentou meter que as Biblias, que por ahi se ve dem estão eivadas de *enormes falsificações* portanto convinha não facilitar a sua leitura a uma população catholica para não perverte-la; ainda quando lhe não fosse vedado pelo poder competente o ler, ainda mesmo a Biblia verdadeira desacompanhada de glosas e commentarios. Depois seguem-se

algumas preleccões contra o protestantismo, fazendo a comparação entre a doutrina de Luthero e a da Igreja; e acaba por mostrar-nos a amisade intima, que tinha Luthero com o diabo, tanto que já tinham comido juntos á mesa mais de meio alqueire de sal; até que afinal casou-se Luthero com a freira Catharina !!

Pois bem de tudo isto deduzimos nós, que o protestantismo é uma peste, e Luthero um padre *devasso* ! De acordo, Reverendissimo Sr. Conego, estamos de perfeito acordo.

Nada temos que dizer sobre as suas preleccões contra o protestantismo, porque não somos protestantes, e por consequencia não nos cabe a defesa de seus dogmas ou principios. Aceitamos a *Reforma* como um facto providencial, como um facto consumado, e nada mais; e a Luthero como o instrumento de que se servio a Providencia Divina para realisar este seu alto designio. A Providencia Divina nunca erra; escreve sempre certo, ainda que seja por linhas tortas— escolheu para caudilho de uma das maiores revoluções do mundo moderno o homem, que mais convinha— eis ahi Luthero !

Vamos pois ás condições, que requeria semelhante empreza: instruccion acima da vulgar, ambição illimitada, audacia desenfreada, vontade de ferro, despu-

dor para affrontar a moralidade da sua época, inconsistencia de principios, advogando o pró e o contra conforme lhe convinha ; lisongeando o povo contra os grandes, e os grandes contra o povo; aprovando e desapprovando as revoluções ; promovendo a liberdade de consciencia, e pensando com os Frades da sua Ordem, que era mister queimar os dissidentes a fogo lento ; emsím, sustentando hoje o que condemnava amanhã, com a mesma petulancia, com a mesma audacia— eis ahi Luthero ! Quereis alguns exemplos ?

Atacava-se a reforma, porque se dizia que, conspirava contra o poder dos principes—convinha pois desmentir esta asserção, e Luthero tomou por isso mesmo a defesa de Christiano, Rei da Dinamarca, contra o seu povo.

« Mudar e melhorar os governos, disse elle; são duas cousas tão distintas, como é o céo da terra. É facil mudar, difícil porém e perigoso melhorar—e porque ? é porque isto não é a nossa missão, mas está reservado a Deos unicamente. O povo em seus excéssos, incapaz de saber o que será melhor, limita-se a querer outra cousa, salvo a mudar ainda, se vai de mal a peior. Quando as rãas da fabula não quizeram mais a travesinha, tiveram então a Cegonha que as devorou. Uma populaça desenfrejada é uma raça tão mĩ, que só um tyranno a pôde governar. O tyranno

é o açamo, que se pôe ao animal indomavel ; se fosse possivel sujeitar um povo máo á uma ordem regular, Deos não teria instituido o despotismo da espada. »

Bem se vê que esta defeza de Christiano importava uma these politica contra a emancipação dos povos; entretanto que o caracter da Reforma era não só no sentido da liberdade de consciencia, como de liberdade civil e politica, como se verificou pela revolução dos Paizes Baixos, que ella gerou e produzio.

Fallava-se um dia diante de Luthero da grande perseguição e matança dos Albigeneses, no ataque e tomada de Beziers por Simão de Monfort, em que foram passadas a fio de espada secenta mil pessoas de ambos os sexos, e de todas as idades; referindo-se á resposta do Legado do Papa Innocencio III, quando lhe perguntaram se deviam matar indistinctamente sole mil pessoas, que se haviam refugiado dentro de uma Igreja, visto que tambem haviam Catholicos entre ellas — « Matai-as; respondeu o Legado, porque depois Deos fará a esco ha. » Consultado Luthero sobre este facio horroroso, disse que em igualdade de circumstancias faria outro tanto ! !

Eis ahi qual foi o caracter de Luthero—qual era porém o caracter da *Reforma* ? Dado o primeiro passo,

Luther não foi mais senhor da reforma ; ella trasbordou como o poço artheziano depois de aberto. A reforma foi sem dúvida uma grande revolução, e um facto providencial ; revolução que trouxe encubada mais quatro grandes revoluções, além de outras mais pequenas, que se prendiam entre si como élos da mesma cadeia.

A primeira das quatro grandes revoluções, que a reforma produzio, foi a dos Paizes Baixos; durou perto de 70 annos, e acabou com o tratado de Westphalia, depois da guerra dos 30 annos ; tratado que estabeleceu os primeiros rudimentos do direito publico europeo, dando um pouco de segurança e de garantia para os principes, e um pouco de liberdade para os povos. (1)

A segunda grande revolução, que trouxe a reforma, depois da dos Paizes Baixos, foi a da Inglaterra em tempo de Carlos I, que foi decapitado. Esta revolução durou até 1688, em que Guilherme de Orange, chamado a reinar na Inglaterra, estabeleceu pela sua consumada prudencia e sabedoria o consorcio da realeza com a liberdade. Guilherme III foi um rei philosopho, como exigia Platão.

(1) O principio da emancipação dos povos, porque lutou o povo dos Paizes Baixos, trouxe tambem a revolução de Portugal contra Felippe IV, e a elevação da casa de Bragança ao throno portuguez.

A terceira revolução, fructo da reforma, e corolario das duas precedentes, foi a dos Estados Unidos em 1776, e que apenas durou sete annos, pois que a paz se celebrou em 1783, e a Republica se constituiu em 1787. O resultado dessa terceira revolução foi a realidade do governo do povo pelo proprio povo, ou o *self-government*—como os chamaram os Americanos do Norte.

A quarta foi a chamada revolução francesa, com todos os seus horrores, posto que não maiores que os que praticaram os Hespanhóis nos Paizes Baixos. O primeiro documento desta revolução foi o Decreto de 4 de Agosto de 1789 abolindo o feudalismo em França, e a declaração dos direitos do homem, que os Estados Unidos já haviam firmado.

Vede, Sr. Conego, as vicissitudes das cousas humanas, e a mão de Deus escrevendo certo por linhas fortes ; tortas para nós, que pela nossa ignorância vemos tudo com olhos vesgos ; mas linhas muito direitas para aquelles a quem Deus concedeu um pouco de intelligencia, e de bom senso.

Pois bem, a Republica, o *Imperio e a Restauração* trouxeram para a França o governo representativo, provando que era planta que podia tambem medrar no Continente. Depois seguiram-se diversas outras revoluções mais pequenas, corolarios das quatro ini-

ciaes, e que tão sasonados fructos produziram. — Essas revoluções de segunda ordem tiveram lugar em 1820, 1830 e 1831, e em 1848, posto que os seus resultados só fossem sensiveis alguns annos depois, como na Hespanha, em Portugal, na Allemanha, e ultimamente na Italia.

Eis ahi as grandes revoluções, que a reforma religiosa trouxe em seu seio ao nascer — ella creou o espirito de liberdade, e atirou no meio da Europa o principio da emancipação dos povos. Vêde pois, Sr. Conego, o que foi a reforma, e o que ella produzio. A reforma portanto foi o primeiro passo para a civilisação moderna ; assim como a éra da idade moderna preparou a reforma, e a apresentou em campo.

Talvez queiraes saber (perdão, Sr. Conego, se offendemos a vossa subida illustraçao) qual é a éra da idade moderna. Vamos dize-lo, ainda que com um pouco de acanhamento. A éra da idade moderna funda-se nos seguintes quatro factos providenciaes, e data do meiado do seculo XV — a saber :

1.º A invenção da imprensa (1440 a 1444) ; 2.º A tomada de Constantinopla pelos Turcos (1453), e a immediata emigração dos Gregos para a Italia; 3.º O descobrimento da America por Christovão Colombo (1492); 4.º A passagem do Cabo da Boa Esperança por

Vasco da Gama (1498). Todos estes grandes factos, que são outras tantas grandes revoluções, tiveram lugar na segunda metade do seculo XV.

Destes grandiosos e immensos factos ou revoluções providenciaes, porque só o dedo de Deos poderia realizar-los, parte a éra moderna ; e com ella surgiu a civilisação actual, a mais importante e a mais vasta de todas quantas civilisações nos precederam.

Onde está pois Luthero ? Nos labios e na penna dos Padres, que se chamam catholicos : Fóra delles não haverá um homem honesto e illustrado, que cite Luthero para nada, senão como o exemplo vivo do que pôde a ambição humana, ávida de gloria, de fama, embora Erostrato pelo incendio, ou Henrique VIII pela torpeza e sensualidade.

ARTIGO VIII.

E porém, o que é, o que significa a civilisação moderna ? ainda pôde perguntar o Sr. Conego, apezar da sua illustração. Pois bem, vamos disini-la, copiando um autor moderno, que elle conhece como as suas proprias mãos.

« A civilisação moderna é como o ar; penetra o mundo por todos os seus póros, e marcha as vezes serena como a aura matutina, as vezes terrivel e veloz, como o furacão. Com sua audacia domou o raio, que-

brou-lhe todas as forças, e sujeitou-o ao poder do homem. Não satisfeita com as creações da natureza, creou o cavallo dynamico, gigante de força assombrosa, bridou-o de parçaria em numero prodigioso, e com esse esquadrao, mais fogoso que o cavallo biblico, percorre os continentes e os mares. Com um anel de ferro cingio o globo, apertou-o, encurtando-lhe as distâncias. Mais veloz do que a agua percorre espaços infinitos como o pensamento. Eis ahí o que é, o que pôde a civilisação moderna. »

Em um artigo da Revista dos dous mundos, sobre a telegraphia submarina, prova-se a possibilidade de atravessar todos os mares, de unir todos os continentes e todas as ilhas por meio de fios electricos, pondo assim o mundo em relação immediata entre todas as suas partes. O que seria neste caso a grandeza do nosso globo comparada com a pequenez do homem ? Taes são, Sr. Conego, os prodigios da intelligencia, dominando todas as extensões desde o cimo do Hymalaya até o abysmo dos mares.

Quem faria parar a civilisação moderna ? só Deos ! mas ella é sua obra; tem o prodigo da sua força, tem a celeridade dos astros, tem a impetuosidade dos ventos ; para ella não ha obstaculo: passa e ha de passar em sua revolução diurna, quer por cima do grande S. Bernardo, quer por baixo do monte Cenis.

Em tempo de Luiz XIV, depois do pacto chamado de familia, se disse: não ha mais Pirinéos ! mentira. E' agora que se realizou esse prodigo — não ha mais Alpes—a Europa é um só *Steppe* (1).

Dariamos aqui por finda a nossa resposta, se o Sr. Conego Campos não tivesse avançado, em um terceiro artigo, algumas proposições dignas de seria reflexão.

Aquelle que disse, que entre Catholicos e Protestantes só havia uma diferença ou desconformidade (negar ou affirmar que *existe na terra uma autoridade doutrinal*) foi Monsenhor Dupanloup, Bispo de Orleans, no seu famoso discurso de recepção na Academia franceza em 1855. O que quer dizer, que os catholicos admittiam, entre a palavra de Deos e a razão humana, uma autoridade doutrinal, e os protestantes não admittem intermediario entre as duas entidades, porque ambas são dadivas do mesmo Deos.

Ora temos muita confiança no saber profundo do Sr. Conego Campos ; pensamos até que elle tenha muito mais erudicção, que Monsenhor Dupanloup ; mas permitta ou consinta, que tenhamos mais fé na autoridade do Bispo de Orleans, cuja palavra sagrada tem a unção de suas letras e das suas virtudes.

(1) Planura— palavra eslavonica admittida nas linguas da Europa.

Conhecido o principio dos Protestantes está claro que elles não admitem causa alguma que possa partir dessa autoridade doutrinal, cuja sanção não acharreis nas Escripturas, por mais voltas que derdes aos miolos. Sr. Conego, não queremos entrar comvosco nessa discussão, porque perderíamos o nosso tempo sem proveito para ninguem ; porém ficai certo que não ha verdadeiro Christão que não lastime o estado a que tem chegado o nosso culto externo !

O que porém espanta é essa reacção, que apparece sem motivo, querendo levar até o povo esse espirito de revolta contra as leis do paiz; essa intolerancia estupida e grosseira, tão opposta á indole dos Brasileiros, como a letra e espirito da nossa Constituição. Pois bem, sabeis o resultado ? Teremos outra vez a lei do censo, porque essas doutrinas acabarão por barbarisar o povo, e leval-o a excéssos ! pois ainda o quereis mais barbaro ?

Temos para nós que o Christianismo é a lei natural aperfeiçoada; nem era preciso que grandes homens o havessem dito antes de nós. Fazei o que quizerdes, o Evangelho sobrenadará. Se banís o Evangelho do povo, o que lhe ficará ? Porque esse odio, essa aversão ao Evangelho ? Se o Sr. Conego quizer, que lhe digamos a razão, nós lh'a diremos singelamente, com quanto se possa magoar um pouco.

O Sr. Conego podia ter um pouco mais de humildade christã— ella lhe assentaria melhor do que essas bravatas de espadachim, que aliás não intimidam a ninguem. Perdõe-nos mil vezes a nossa audacia, mas pelo amor de Deos, não nos supponha tão estúpidos como os porcariços e os bufarinheiros.

Quando em todo o sul se fazem esforços para atrahir a emigração americana, em Pernambuco trata-se de a repellir ! Porque nos havemos de sentir, quando nos tratem como selvagens ? Tratam-nos como merecemos, graças aos agentes dos Jesuitas no Brasil. — E serão na realidade agentes dos Jesuitas? qual! agentes de si mesmos, de seus interesses; especulam com a religião como se especula com a política, com a alta e baixa do combio, etc. ; não são procuradores de outrem, procuram para si, que não é tão pouco.

E' um gosto ver como em S. Paulo, o que ha de mais rico e intelligente faz os ultimos esforços para chamar a si de preferencia a emigração americana. No Rio de Janeiro, no proprio Paraná, no Rio Grande de S. Pedro, em Santa Catharina, enfim por todo o Sul se entoam hymnos de gloria aos mensageiros do trabalho, da industria e da civilisação— nós porém repelimos tudo, e á testa desta cruzada apparece.. quem ?.. Se vingasse em Pernambuco semelhante doutrina, seríamos a porção mais estúpida e ignobil do Brasil.

Paremos aqui, porque não convem, nem queremos por ora ir mais longe. Ainda poderíamos dizer muita cousa, que reservamos para uma replica, se houver quem nos conteste, bem entendido em termos habeis. Muito de propósito deixamos sem resposta algumas proposições mal soantes para não dar a como o caso merecia. Entretanto diremos ainda algumas palavras para concluirmos.

Os logicos modernos foram tirar dos inquisidores de Hespanha e de Portugal duas palavras—sujectiva e objectiva—para emprega-las em seus argumentos. Os Inquisidores chamavam objectivas as accusações ou censuras feitas a uma obra; isto é, as proposições e pensamentos, ou doutrina que ella continha; e suje-tivos as censuras feitas ao autor, ou que recebiam so-bre a sua pessoa.

Pois bem, declaramos, uma e mil vezes, que as nossas censuras são tão sómente objectivas; isto é, que recahem todas sobre as proposições, e argumen-tos, e nunca sobre as pessoas do venerando Sr. Arce-bispo, nem do Sr. Conego Pinto de Campos, pessoas aquem aliás acatamos, e contra as quaes nada teria-mos que dizer.

Um christão velho...

FIM.









